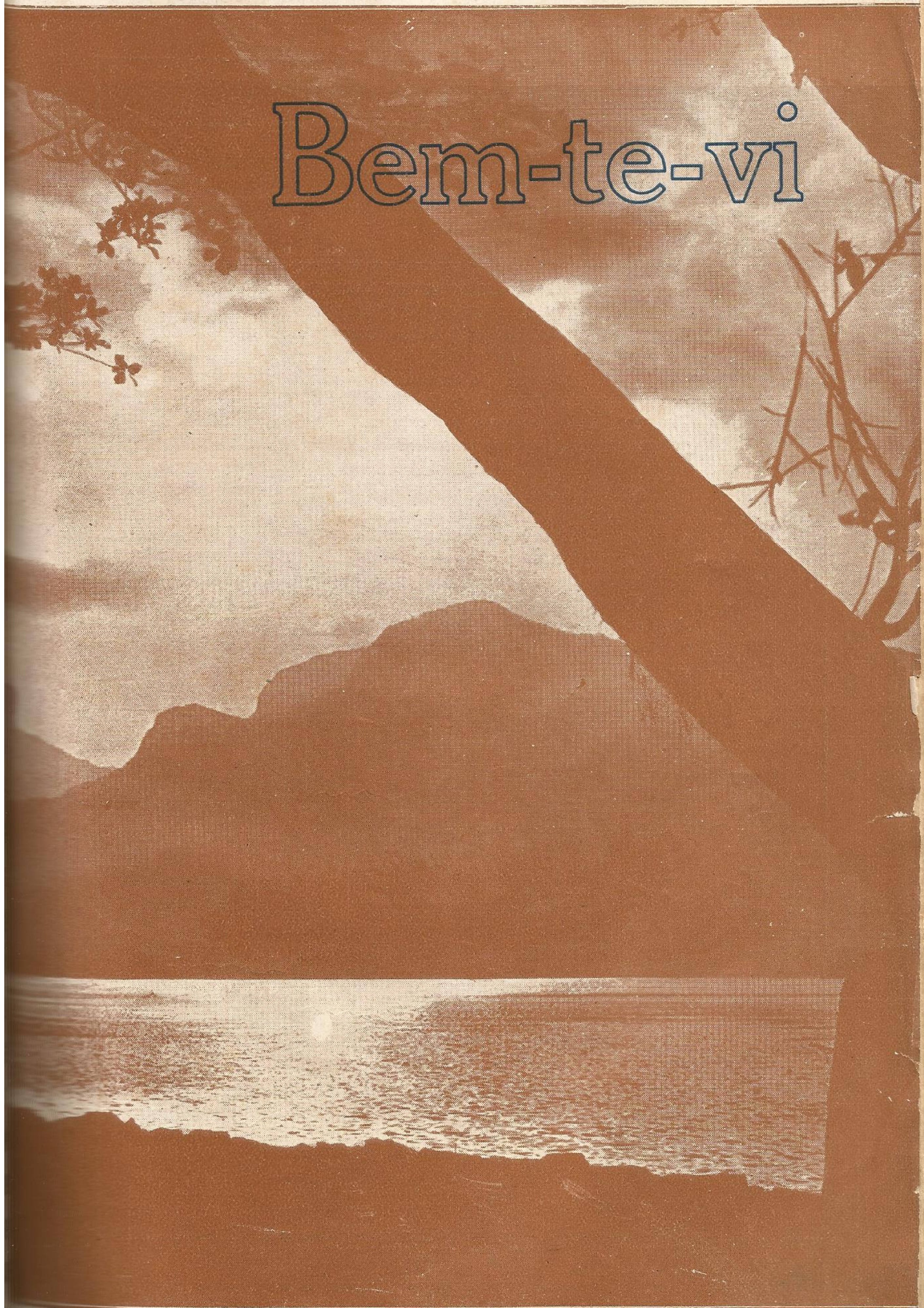

Bem-te-vi

Muito Agradecido

Agora — sim! Hoje sou Gente, meu nome é "Bem-te-vi".

Quero, de todo o coração, agradecer aos meus amiguinhos que me baptizaram com o lindo nome do meu gosto. Segundo o meu entender, não ha um nome mais apropriado — é curto, bonito e alegre.

De hoje em deante, o meu desejo é visitar mensalmente os meninos e meninas do nosso lindo Brasil. Quero cumprir fielmente todos os meus deveres. No domingo passado, o prégador nos disse que Jesus era o Grande Amigo de todos os passarinhos. Elle explicou que Deus fez todas as cousas neste mundo para servirem o seu Creador; que cada passarinho tem um certo trabalho importante para fazer e que nem um delles está esquecido deante de Deus.

E qual é o serviço que um humilde passarinho póde prestar ao Deus Todo Poderoso?

O Bem-te-vi é uma ave util *que alegra as mattas, os jardins e chacaras, especialmente ao romper do dia e ao cair da tarde. E' um verdadeiro bemfeitor da humanidade; alimenta-se de insectos que fazem mal ás plantas uteis.*

O Bem-te-vi é uma ave bonita; *suas côres não são muito vivas, mas modestas; elle salta, pula e fala com todos, sem dizer mal de ninguem; sabe fazer bem o seu ninho e catar suas minhocas.*

O Bem-te-vi é uma ave bem conhecida no Brasil. *E' muito facil uma creança reconhecel-o pelo canto tão curto, bonito e alegre.*

O nosso intuito é que a pequena revista, "Bem-te-vi", seja util, bonita e bem conhecida em toda a parte do nosso lindo paiz. Que cada numero sirva a nosso Deus, trazendo só mensagens que possam interessar aos jovens leitores e conduzil-os ao Pae Celestial, servindo o melhor possivel á humanidade. E' este o desejo ardente da redactora.

Os amiguinhos que nos enviaram o nome de "Bem-te-vi" no primeiro concurso receberão gratuitamente a revista durante um anno. Os leitores que votaram no nome "Bem-te-vi" no segundo concurso receberão gratuitamente a revista durante seis mezes.

BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117

ANNO I :::: N. 3
REVISTA MENSAL

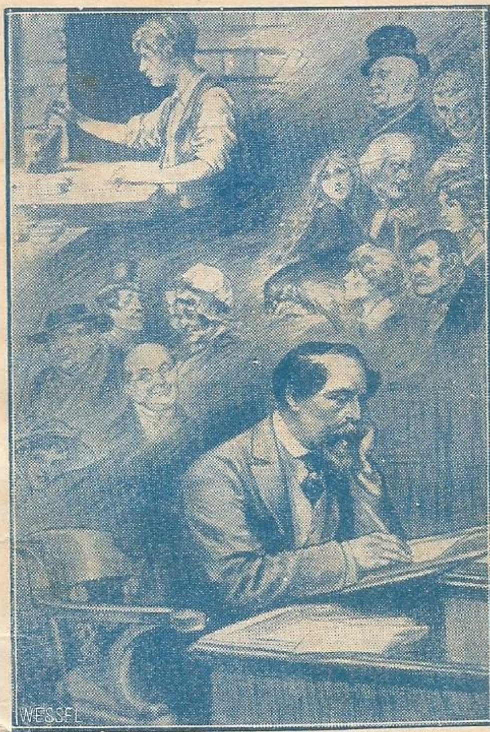
São Paulo-Brasil, Março 1923

ASSIGNATURA
ANNUAL. . . 5$000

Um Grande Amigo das Creanças

Ha mais de cem annos, nasceu na Inglaterra o menino Charles Dickens, que se tornou um dos melhores escriptores.

Seu pae era um homem pobre, cujos negocios iam de mal a peor; a mãe, uma boa senhora, mas um tanto severa. Charles era o segundo dos oito filhos do casal. Aprendeu a ler com a mãe e em breve a leitura era sua occupação predilecta. Depois de ler um livro, o pequeno se punha no logar do herόe e imitava as suas acções e palavras com muito geito.



Quando menino frequentava por pouco tempo uma pequena escola, mas logo foi para a cidade de Londres com seus paes. Isto não melhorou o estado financeiro da familia. Em breve o pae foi posto na prisão por motivo de dividas.

Passaram-se então dois annos cheios de soffrimentos para o menino. Numa sala escura e triste, no meio de companheiros mal educados, o pobre Charles ganhava o pão de cada dia collocando rotulos em garrafas. Que humilhação e desprezo para sua alma sensivel e ambiciosa. Porém esta triste lição não foi sem proveito. Durante este tempo teve elle a opportunidade de observar a vida dos operarios e dos trabalhadores. Sympathizou com os soffrimentos e alegrias dos pobres, cuja vida soube mais tarde tão bem descrever.

Mas, não ha mal que sempre dure; seu pae foi liberto e as condições da familia melhoraram. Charles frequentou outra vez uma escola durante dois ou tres annos. Afim de melhor instruir-se passava as horas vagas lendo no Museu Britanico.

Seus primeiros ensaios litterarios fôram esboços publicados em diversos jornaes de Londres. "David Copperfield" é considerada geralmente a melhor obra de Charles Dickens e uma das maiores da litteratura ingleza.

Dickens amava muito as creanças, sabia comprehendel-as e sympathizar com ellas. E' em grande parte devido a elle, que a infancia de Londres goza de melhor tratamento nas escolas e asylos.

A influencia de seus livros ainda se sente hoje; não ha ninguem que, conhecendo a litteratura ingleza, não admire este grande escriptor, que pintou com côres tão vivas todas as phases da vida humana.

A sua morte foi chorada por muitos e especialmente pelos pobres.

O cliché mostra-nos Charles Dickens quando era um pobre menino, grudando rotulos nas latas de graxa e tambem quando era homem um dos melhores escriptores inglezes, conhecido em todo o mundo como grande amigo das creanças. Os outros personagens que se acham no cliché são caracteres descriptos em suas obras mais famosas. Logo acima da cadeira, se acham Dolly Varden e Pickwick; o velho Sr. Weller, seu filho Sam e a Sra. Gamp. Em seguida Grip, o corvo; Oliver Twist, Bill Sikes, Florence Dombey, a pequena Nell e seu avô. O homem com o chapéu é o Sr. Micawber e ao seu lado Uriah Heep.

Esperamos que, no futuro, todos os jovens leitores possam ler as bras de Dickens, para conhecer estes caracteres tão interessantes.

O SINO D'ATRI



(Adaptado)

Atri é uma cidadezinha da Italia. E' muito antiga e está a meio da encosta de escarpado outeiro.

Ha muitissimos annos o duque d'Atri mandou comprar um grande sino e ordenou que o pendurassem em uma torre, na praça do mercado. Amarraram ao sino uma corda longa, tão longa, que descia até ao chão. Até uma criancinha poderia puxar por ella e tanger o sino.

Quando ficou tudo prompto, houve uma festa. Toda a gente se reuniu na praça para admirar o sino, muito polido, amarello como si fosse de ouro, brilhando ao sol.

— E' o sino da justiça, disse o duque.

O povo pensava que o principe ia tocal-o e todos imaginavam que o som do bronze seria suave e solenne, mas, em vez disso, o duque alçou a mão e falou assim:

— Meu povo, eu vos dou este sino, que ninguem deve tocar, a não ser em caso de necessidade. Si alguem soffrer oppressão de outrem, si alguem fôr maltratado, venha, toque o sino: reunir-se-ão os juizes, tomarão conhecimento do caso, e farão justiça.

Passaram-se muitos annos: muitos males haviam sido corrigidos, muitos malfeitores haviam sido punidos. Afinal, a corda de linho estava poida, já destorcida na ponta, e alguns fios partidos, e ficára tão curta que só um homem alto poderia alcançar-lhe a extremidade.

— Isto não serve, disseram um dia os juizes. E si uma criança for maltratada, como poderá pedir justiça? Vamos trocar a corda por outra nova e mais comprida.

Mas na cidade toda não se encontrava uma corda boa e bastante longa. Levaria muito tempo mandar buscar uma peça de corda em outra cidade por um proprio. E si no entretanto alguem precisar que lhe façam justiça? perguntavam os juizes.

Emquanto não se obtinha a corda, para remediar a falta, um dos cidadãos lembrou o alvitre de atar á corda velha, um sarmento que chegasse até o solo.

— Está muito bem, disseram os juizes.

E lá ficou uma rama de videira com as parras e gavinhas, pendente da corda do sino.

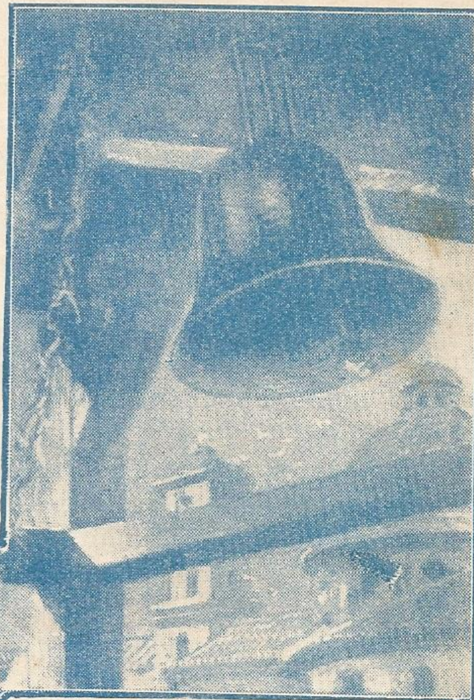
Ora, havia nos arredores da cidadezinha, um velho cavalleiro, que andara em muitas guerras, e entrára em muitas batalhas. Seu melhor amigo era um cavallo velho, que o conduzira bastas vezes á victoria e o livrára em muitos perigos, pela velocidade do galope e rapidez de sua carreira. Ou com a paga generosa dos soberanos a que servira, ou pelo saque das cidades vencidas, o antigo militar enriquecera, e, enriquecendo, ficára avarento. Retirára-se para uma choupana, á ilharga do morro, e vivia a pensar no ouro, rodeado de suas bolsas de dinheiro.

Um dia olhou elle para o cavallo, velho, inutil, magro, tremulo de fome e de frio.



— Para que serve *isto?* E si eu o vendesse! Mas ninguem quer comprar um sendeiro destes. Ninguem o quer, nem dado. E o avarento deitou a alimaria á estrada.

Cansado de vagar, tangido pela fome, desceu o pobre equino até á praça do mercado. As parras ainda verdes da rama da vide, atiçaram a fome do bruto que se atirou gulosamente á parreira.



E o sino começou a tanger:

"Não me dão ração; não me dão ração! não me dão; não me dão!"

Os juizes, mal ouviram o sino, lá se foram á praça, revestidos de suas togas, para ouvir o caso e fazer justiça.

E uma grande multidão de homens, mulheres e crianças, concorreu á praça para ver o que acontecia.

Logo um garoto começou a dizer:

— Olha o cavallo do avarento!

E apontava para o misero cavallo, cujas ancas estavam a ponto de furar a pelle, a tosar faminto as parras que restavam.

— Tragam já o avarento, ordenaram rispidos os magistrados.

Quando o miseravel chegou, mandaram os juizes que ficasse em pé diante delles afim de pronunciarem contra elle a sentença:

— Este cavallo serviu-te por muitos annos, salvou-te a vida em muitos transes arriscados, ajudou-te a ganhar a fortuna. Portanto mandamos que seja depositada no thesouro a metade do teu dinheiro, para que este cavallo tenha comida e abrigo pelo resto da vida.

O avarento deixou pender a cabeça, angustiado com a perda do ouro; mas o povo rompeu em acclamações, quando os meirinhos levaram o cavallo para um estabulo, onde lhe deram tanto feno como não comera havia mais de um anno. (Da leitura II, Erasmo Braga.)

A GEMEA ABANDONADA

Meus queridos amiguinhos:

Escrevo-lhes esta carta, confiada em que attendam ao que lhes exponho e diligenciem por valer-me.

Ha longo tempo que soffro um tratamento cruel. Não posso calar a minha dor, e, revelando-lh'a, conto que me declarem se tenho ou não motivo de justa queixa.

Antes de tudo devo informá-los de que tenho uma irmã gemea.

Ora, quando dous irmãos são gemeos, parece que ambos se devem tratar no mesmo pé de igualdade, em vez de acarinhar um e fazer gato sapato do outro. O mesmo amor deve criá-los.

E é, por ventura, isso o que se dá commigo? Nunca!

Desde o dia em que nascemos, minha irmã tem sido objecto de desvelos especiaes, que nunca me dispensaram. Aprendeu a escrever, a desenhar e a pintar; a jogar a bola; a dar corda no relogio; a empunhar a bengala ou o guarda-sol; a servir-se da faca á mesa; a comer com a colher; a caçar com a espingarda; a estalar o chicote; a tanger um arco, a puxar o cordão da campainha, e mil outras cousas mais.

Quanto a mim, se pego numa penna, gritam logo: "Não faças isso!", arrebatam-me a penna e a dão á minha irmã. Tenho mais de oito annos e não me consentem que pegue numa faca, numa colher ou numa bengala. E isto é sorte, que se ature?

Quando tomo um lapis e me ponho a desenhar, exasperam-se logo e ralham commigo sem compaixão ou arrancam-no brutalmente, chegando-me, ás vezes, umas reguadas inda por cima. Não é mesmo uma barbaridade?

E' verdade que me ensinaram a jogar o soco e a remar; mas minha irmã é, ainda assim, que toma a si o papel principal, mantendo-me na posição de seu simples auxiliar.

O que me intriga, comtudo, é que se admirem de que eu não tenha nem a robustez, nem a dextreza de que dá provas minha irmã.

Mas, se me põem sempre para traz, como é que hei de aprender?

Se acontece adoecer minha irmã, então obrigam-me a trabalhar por e'la; entretanto, mesmo quando estou prestando esse serviço, zombam de mim e chamam-me **desageitada!**

Desageitada! E quem é que póde ser ageitada, quando é tratada como eu sou? Aqui está o que eu muito queria que me dissessem.

Ao receberem a minha carta, os meus amiguinhos talvez se ponham a zombar da minha letra. Considerem, porém, que foi a primeira vez que peguei numa penna. O que poderia fazer senão isto—estas garatujas?

Ora ouçam cá o que me succedeu ha dias passados.

Meu amo estava entretido a jogar a bola, e, emquanto se divertia, sómente occupava minha irmã, deixando-me

desdenhosamente de parte. Afinal aborreceu-me aquelle pouco caso e, quando a bola se approximou de mim, agarrei nella e lancei-a. Como, todavia, não estava habituada a jogar, errei, e a bola, em vez de ir para a frente, foi bater num espelho e o poz em cacos.

Minha proeza valeu a meu amo uma boa reprimenda de sua mãe. Não tanto me zangou, comtudo, esse resultado como o recommendar-lhe ella vivamente que nunca jogasse commigo e sim só exclusivamente com minha irmã. Tive vontade de chorar. Pois não era melhor dizer a meu amo que me ensinasse? Porque é que só minha irmã ha de saber?

E, não obstante, ninguem será capaz de distinguir-me de minha irmã: tão parecidas somos!

Para que tamanha injustiça?

Espero que façam alguma cousa em meu favor, compadecendo-se de mim, e assigno-me.

Sua infeliz amiga,

A Mão Esquerda.

(Das "Leituras Moraes e Instructivas", de João Kopke).

HISTORIA DE UM PRINCIPE

Era uma vez um rei cruel e poderoso mas, ao mesmo tempo, amava a familia e os amigos. Morava numa pittoresca vivenda cercada de lindas arvores fructiferas. Ali vivia alegre, na companhia de tres filhos formosos e intelligentes.

Um dia, o rei notando que algumas fructas estavam estragadas, mandou vigiá-las para descobrir quem as estragava. Finalmente descobriram que era um grande passaro; então mandou armar alçapões e outras armadilhas para apanhar o estragador das fructas.

Depois de muito esperar, o passaro caiu na armadilha e o rei vendo-o preso disse publicamente: "Ai daquelle que me soltar o passaro, terá sentença de morte".

Passára um anno. O principe mais moço, não sei se por brincar com elle ou por dar-lhe comida, soltou o terrivel passaro. Immediatamente começou a gritar por soccorro; os ministros do rei correndo pressurosos ficaram aterrorisados ao depararem com a gaiola vasia.

Naquella tarde, o rei percebendo profunda tristeza nos semblantes dos ministros, perguntou-lhes que tinha acontecido.

"Só V. M. nos póde alliviar".

"Tudo farei para vos alegrar".

Então os tristes ministros contaram ao rei o que acontecera.

. . . .

Mas, onde está o fim da historia?

Que fez o rei para alegrar os ministros?

Que aconteceu ao principe?

O rei mandou matal-o ou não?

. . . .

O principio desta historia nos foi enviado por um menino de onze annos. Quem quer terminál-a, escrevendo mais 300 palavras?

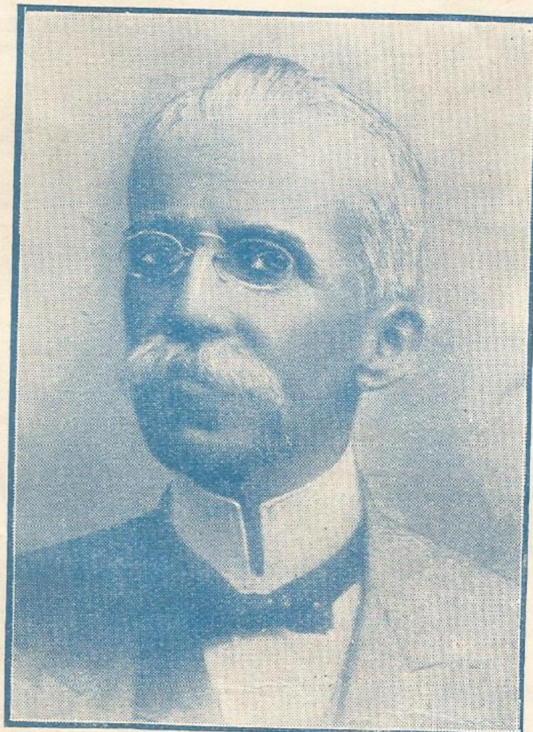
Sairá em nossa revista a historia mais interessante que nos fôr enviada. Haverá um premio: um livrinho contendo uma historia muito bonita.

São convidados a tomarem parte neste concurso todos os amiguinhos até vinte e um annos.

O concurso encerrar-se-ha no dia 31 de março.

RUY BARBOSA

O grande filho do Brasil



A nossa Patria está de luto, morreu o seu filho querido, Ruy Barbosa. Era elle um dos homens mais sabios de nossa terra. Deixou este mundo, o grande brasileiro, aos 73 annos de edade, depois de ter servido muito ao nosso Brasil.

Nasceu Ruy Barbosa na Bahia. Seus paes moravam na capital do Estado e logo que o menino chegou á edade de escola, começou a estudar. O pequeno Ruy aprendeu muito depressa e logo se tornou o primeiro alumno de sua classe. Seu professor já prophetisava que o pequeno Ruy havia de ser um grande homem. O notavel bahiano Francisco Moniz Barreto disse:

"Admira numa criança.
O engenho, o criterio, o tino
Que possue este menino
Para pensar e dizer!
Não, não me illudo na minha
Bem firmada prophecia;
Um gigante da Bahia
Na tribuna elle ha de ser".

Quando o menino foi apaixonado pela musica, estudou piano tocando em concertos na Bahia. Para animar sua unica irmã que se queixava de ter de estudar piano seis horas por dia, elle começou a estudar quatro horas diariamente e fez isto durante alguns annos.

Ruy Barbosa veiu terminar seus estudos na Academia de Direito em São Paulo. Foi alumno de José Bonifacio e collega de Castro Alves, Joaquim Nabuco, Luiz Gama e outros—brilhante galeria de talentosos jovens, que se tornaram mais tarde o orgulho dos brasileiros.

Nessa academia ainda se conservam as antigas carteiras usadas pelos estudantes que se tornaram illustres. E podemos ver entre ellas uma riscada com o nome de Ruy Barbosa.

Desde o tempo de estudante em São Paulo começou a fazer discursos eloquentes e a escrever nos jornaes. Sobre o que elle mais falava e escrevia nesse tempo, era a favor da libertação dos escravos, defendendo já a liberdade e o direito.

Depois de formado entrou na politica. Occupou muitos cargos importantes. Recebeu o titulo de CONSELHEIRO por serviços prestados á instrucção publica. Representou o Brasil na conferencia de Haya, onde fez discursos em diversas linguas. O mundo todo se admirou do talento de Ruy Barbosa, nesse congresso. Trabalhou toda a vida pelo Brasil, escreveu livros, e ultimamente occupava o honroso cargo de membro do Tribunal Permanente de Justiça Internacional.

Ao receber a noticia do seu fallecimente, o presidente da Republica mandou o seu secretario em trem especial dar pesames á familia e della solicitar a honra de o governo se encarregar dos funeraes. Foi decretado luto nacional e prestaram ao grande brasileiro honras de chefe de Estado.

"Ruy Barbosa encarnou como ninguem a alma do Direito e pelo Direito se bateu com a grande eloquencia dos genios".



A Pagina dos Leitores

("Eu vejo em cada creança a possibilidade do homem perfeito")

UMA AVENTURA DO TOTO'

Num lindo dia de férias, Juca, Zito e seu cãozinho Totó passeavam pela villa, á cata de aventuras.

"Arre!" exclamou Juca, "já estou caceteado! Que vamos fazer para passar o tempo?"

Zito, o mais astucioso dos dois, pensou um instante, e depois, apontando para algumas gallinhas que pastavam pacificamente num campo vizinho, disse:

"Façamos o Totó caçar as gallinhas do seu Maneco, para nos vingarmos da surra que levamos delle outro dia."

Seu Maneco era o policia da villa, inimigo mortal dos meninos travessos.

"Que idéa estupenda!" exclamou Juca, e immediatamente começou a atiçar o Totó. "Isca, isca, Totó! Péga! Isca, isca!"

Totó não esperou segundo convite e lá sahiu como uma flecha atrás da mais bella gallinha do **seu** Maneco. Os dois meninos cahiram na gargalhada. De repente, porém, deixaram de rir. Que horror! Do outro lado vinha vindo seu Maneco que deitou a correr atrás do Totó.

"Ah! cão desgraçado!" exclamava o policia furioso. "Você vae direitinho para o poço!"

O pobre Totó, preoccupado com a *caçada*, não viu o perigo que se approximava. Coitado! Mal havia segurado a presa e a sacudia de um lado para outro com orgulho de vencedor, eis que *seu* Maneco o agarrou e, amarrando-lhe uma corda ao pescoço, pôs-se a puxal-o na direcção do poço. Totó resistia com todas as forças e ia arrastado. Agora, que remedio? Tinha mesmo de ir de qualquer maneira. Com seu esforço, apenas conseguia prolongar a *marcha* **funebre**

"Coitado do Totó! Nós que o pusémos **no ruim**... Precisamos livral-o de **seu** Maneco," disse Juca.

"Tenho uma idéa: para chegar ao poço, **seu** Maneco tem de passar por aqui," disse Zito.

"Mas de que vale isto? Elle é muito mais forte do que nós!"

"Espere e verá. Você está enxergando aquella tesoura de podar, lá no jardim de D. Clara? Pulemos esta cerca e o resto fica por minha conta."

"Mas Zito, você não se lembra que D. Clara nos prometteu uma coça por havermos furtado suas laranjas outro dia?"

"Isto não vem ao caso. Ouvi mãmãe dizer que hoje D. Clara ia fazer manteiga, portanto não terá tempo de guardar o pomar. Vamos! Depressa! Fique alerta para ver si alguem vem do lado da casa."

E sem difficuldade, os garotos saltaram a pequena cerca, atrás da qual se esconderam.

Zito tivéra razão: **seu** Maneco approximava-se, arrastando o pobre Totó. Chegára o momento opportuno! A victima e seu algoz passavam rente com a cerca. Mal *seu* Maneco virou as costas, Zito surgiu de detrás da cerca e... cléque! com um movimento rapido cortou a corda.

O policia, não sentindo mais a mesma resistencia, virou-se estupefacto, porém já era tarde: Totó se derretera. **Seu** Maneco pôs-se a procurar o cãozinho, mas, felizmente para este, tomou a direcção errada.

Zito desatou a rir, vendo a attitude do soldado e Juca não pôde resistir á tentação de vir á cerca para ver o que se passava. Por caiporismo apparece D. Clara, que deitou a correr na direcção dos dois pequenos. Estes, assustados, pularam para a rua e desembestaram. Totó seguiu-lhes no encalço. Correram até a esquina proxima e ahi pararam para tomar folego.

"Uff! Que susto raspámos!" exclamou Zito.

"E' mesmo. Mas ao menos salvamos o Totó." disse Juca.

Quanto a Totó, deitou-se na calçada e, com a lingua de fóra, fitava os meninos com os olhos de quem dizia — "Arre! Que forte brincadeira!"

Pensamentos

E' possivel á gente fechar-se dentro de um casebre, e, comtudo, visitar as mais remotas partes da terra. Por meio dos livros de Historia levantamos a cortina do passado e vemos os factos que succederam séculos atrás; lendo o escripto dos prophetas entrevemos visões dos dias do amanhã. O corpo do homem póde ser amarrado e lançado em prisão. mas nem as paredes de tijolo ou pedra poderão aprisionar a mente ou vendar os olhos da imaginação.

"Todos os caractéres que encontramos na leitura diaria têm uma certa influencia sobre o nosso caracter".

O PINTOR E O SONHO

Certa vez, havia um pintor que estava fazendo um lindo quadro, que seria dependurado numa egreja, para que todos o vissem e admirassem. O quadro representava Jesus, tendo em redor de si algumas creanças que o adoravam na Mansão Celestial. Quasi que se podiam ouvir as vozes das creanças, tão perfeitos e expressivos eram seus rostos.

Depois que terminou o quadro, certa noite o pintor ouviu um barulho desusado. Levantou-se da cama, chegou até o quarto onde costumava trabalhar e... qual não foi o seu espanto ao ver um estranho que, tendo tomado a palheta e o pincel, pintava o quadro.

"Páre! páre!" gritou o artista. "Vae estragar minha pintura!"

"Foi você que a estragou", disse o Estranho, "eu estou retocando e endireitando. Você pintou de branco todos os rostos das creanças, como se no céu todas as creanças fossem brancas! Quem lhe disse isso?"

"Ninguem me disse nada", respondeu o artista, "mas eu julgava que fosse assim".

"Está enganado, amigo!" disse o Estranho, sorrindo. "Veja agora: colori alguns rostos de amarello, outros de pardo, outros de vermelho e outros de preto. Todas estas creanças, apesar de viverem em terras differentes, accudiram ao meu chamado".

"Ao *seu* chamado?" perguntou o artista, com admiração.

"Sim, ao *meu* chamado. Não se lembra que eu disse: "Deixae vir a mim os pequeninos"?"

Só então soube o artista que falava com Jesus Christo em pessoa. E emquanto o Estranho se afastava, ficou a olhar para o quadro, onde se viam as creanças que pintára; algumas eram amarellas, de olhos obliquos; outras eram pardas, outras pretas; outras, vermelhas e outras, brancas.

De repente, porém, accordou: tudo foi um sonho. Correu para o quadro e viu as creanças taes quaes as deixára na véspera; todas com os rostos brancos. Mas, algum tempo depois, seguiu a inspiração do sonho e pintou as creanças como as vira naquella noite.

Todos que viam a pintura exclamavam: "Que belleza! Que lindo quadro!".

GALERIA

Nasceram em Fevereiro:

Coelho Netto
Mendelssohn
Longfellow
George Washington
Abrahão Lincoln
Thomas Edison
Charles Dickens



Coelho Netto

GALERIA — FEVEREIRO

Fevereiro, ainda que seja o mez mais curto do anno, é um dos mais importantes. Neste mez nasceram alguns dos grandes homens do mundo.

Este numero de nossa revista traz alguns factos e historias a respeito de um romancista, um musico, um poeta, dois grandes presidentes, o mais celebre inventor e um grande escriptor, conhecido como — o amigo das crianças. Todos estes homens celebres, estes bemfeitres da humanidade, nasceram no curto mez de fevereiro.

Gostariamos de saber quantos dos nossos leitores nasceram em fevereiro, e esperamos que todos se tornarão verdadeiros bemfeitores quer na literatura, na sciencia, na politica ou em qualquer outro campo onde possam servir á humanidade.

VERDADE E OBEDIENCIA



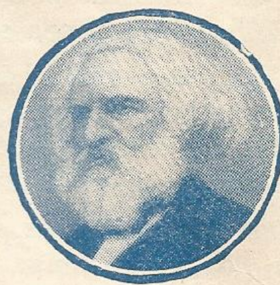
Todos os meninos e meninas que estudam musica, conhecem as obras do grande musico Felix Mendelssohn. Elle começou a estudar quando tinha só tres annos e sempre gostava das lições.

Felix, seus dois irmãos, sua irmã, seu pae e sua mãe foram grandes musicos. E' impossivel imaginar uma familia mais alegre que a do casal Mendelssohn onde havia quatro filhos bem educados, cujos divertimentos predilectos eram a musica e a melhor litteratura. Os Mendelssohns eram judeus que acceitaram Jesus Christo, como seu Salvador e gosavam as felicidades de um verdadeiro lar christão.

O amor e amizade que unia os paes aos filhos era como um forte laço que nada desatava.

Quando Felix era ainda um menininho seu pae recommendou que escolhesse "Verdade e Obediencia" para a divisa de sua vida. Isso elle fez e sempre se esforçou por viver de accordo com esse ideal. Qual foi o resultado? Teve uma vida cheia de alegria e felicidade, tornando-se um dos maiores musicos do mundo.

LONGFELLOW



Longfellow, o mais conhecido dos poetas americanos, escreveu muitas poesias e poemas, que são apreciados pelas creanças e adultos, onde quer que se fale a lingua ingleza.

As suas mais bonitas obras, já se acham traduzidas em muitas linguas. Evangelina, um dos poemas mais maravilhosos, está traduzido em portuguez e tem sido apreciado no Brasil.

Em seu "Canto de Hiawatha", Longfellow conta-nos bonitas historias e interessantes lendas a respeito dos indios.

Aqui se acha uma citação de "Hiawatha", um heroe dos indios, emquanto pensava na joven que elle amava.

"Assim como no arco a corda está,
Assim está no homem, a mulher,
Que, ainda que o arqueie, lhe obedece
E embora o arraste, vae onde elle quer.
Inutil é cada um do outro distante,
Nunca um longe do outro deve andar!"
Assim falou o joven Hiawatha
No coração, e pôs-se a meditar...

A Penna Encantada

Numa risonha manhã, emquanto dava seu passeio habitual, o joven Arthur passou pela loja de um rico negociante japonêz e viu exposta na vitrina uma linda canneta.

"Que belleza! Vou compral-a para minha querida Alice.." E, entrando, perguntou ao negociante:—"Quanto custa a canneta exposta na vitrina?"

"Vinte mil reis" respondeu o japonêz.

"Só essa bagatella?" replicou Arthur admirado. "Deixe-me vel-a."

Era o cabo da canneta de madeira leve, guarnecida de pedras preciosas de varias cores; a penna era de ouro.

Depois de examinar detidamente, Arthur perguntou ao negociante: "Mas como póde o Snr. vender por vinte mil réis uma canneta de tanto valor?"

Disse-lhe o japonêz que a comprára muito barato de um advogado, que vendêra porque a canneta o arruinára em seus negocios.

Sem mais hesitação, a comprou Arthur e a offereceu a sua namorada Alice.

Alice fazia uso de tão linda canneta só quando escrevia a Arthur.

Comtudo, um dia, os dois namorados brigaram. Alice, toda arrufada, dirigiu-se para casa, e, lá chegando, tomou a canneta e escreveu a Arthur a seguinte carta:

Arthur. Estou magoada com seu procedimento. Não te quero mais ver.

Alice.

A carta, porém, que chegou ás mãos de Arthur, foi a seguinte: Meu querido Arthur.

Estou triste porque brigámos. Amo-te de todo o meu cração. Vem, vamos nos reconciliar, senão morrerei de tristeza.

Tua
Alice.

Ora, esta penna era encantada e só escrevia o sentimento verdadeiro da pessoa que a usava e não o que a pessoa pretendia dizer.

Arthur sentia-se feliz porque amava Alice, e, com o coração palpitando de alegria, foi ligeiro ter á casa da namorada. Ao chegar, falou Alice:

"Vae-te embora. Não te escrevi que te não queria mais ver? Não sejas teimoso. Não me aborreças."

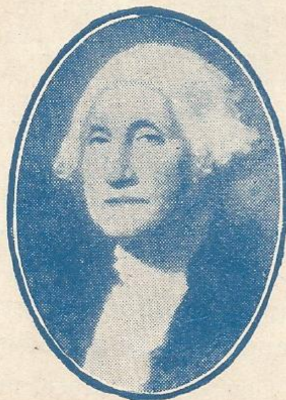
Arthur mostrou-lhe a carta escripta pela penna da verdade. Ao lel-a, Alice sorriu e confessou que estava sómente fingindo; emquanto que a penna encantada havia interpretado seu verdadeiro sentimento.

E beijando-o, pediu-lhe perdão. Mais tarde se casaram e foram muito felizes.

"A principal cousa neste mundo não é o logar onde nós achamos, mas a direcção para a qual andamos. Para alcançar o porto do ceu, temos, ás vezes, de largar com o vento, e, ás vezes, de largar contra elle. Mas o certo é que precisamos largar; nem ir na onda, nem permanecer ancorados".

"A terra gyra de oeste para léste. Se não te agrada, vae para a lua, que se move noutra direcção".

Dois Grandes Presidentes


Washington


Lincoln

Washington e Lincoln, são nomes de dois presidentes dos Estados Unidos conhecidos em todo o mundo civilizado e reconhecidos como dois dos maiores homens que o mundo tem produzido. Foram verdadeiros bemfeitores da humanidade.

Washington, conhecido como "Pae da Patria", foi um homem de grande força physica, mental, moral e espiritual. Desde sua infancia tinha altos ideaes. Vencia seus companheiros nos jogos athleticos. Era industrioso, systematico, economico e reconhecido por todos como o joven que, custasse o que custasse, sempre falava a verdade.

Abraham Lincoln era um pobre menino nascido em uma humilde cabana. Na sua juventude soffreu miseria e quasi não pôde frequentar escola. Sua mãe, uma boa mulher, fez tudo em seu alcance para educar o filho, que era intelligente e tinha uma sede insaciavel de saber. Vencendo muitas difficuldades, aprendeu a ler e desde então, leu e releu muitas vezes os poucos livros que havia em sua casa: a Biblia, o Peregrino, Fabulas de Esopo, a Historia dos Estados Unidos e a vida de Washington. E' conhecido hoje como o "libertador de 4.000.000 de almas e o preservador da sua Patria amada."

Depois que Lincoln se tornou um grande homem e ao receber a mais alta honra que a Patria lhe poderia dar elle disse: "Deus abençoe minha mãe: tudo que sou, ou espero ser, eu devo aos seus preceitos."

Quando elle era Menino

"Mamãe, amanhã temos feriado", disse Maria ao regressar do collegio: "Imagine um feriado quarta-feira!"

"Que bom!" concordou a mãe, emquanto ajudava a filhinha a tirar o casaco.

"Mas, porque é feriado 22 de fevereiro?" perguntou a mãe com um piscar de olhos.

"Porque, mamãe! E' o dia de annos de George Washington. Oh! mamãe, a senhora está caçoando commigo", accrescentou vendo o seu rosto risonho.

Depois de comer a deliciosa merenda que a mamãe lhe déra, Maria começou a pensar outra vez em George Washington.

"Mamãe,conte-me uma historia delle, quando era menino".

"Creio que sei uma historia de Washington quando tinha justamente a sua idade", disse a mãe depois de pensar um momento.

"Deixe-me chamar o Roberto para ouvi-la tambem", disse Maria.

Quando Roberto chegou a mãe começou.

— Uma vez, em uma bonita casa no meio de um grande campo de algodão, vivia um menino chamado George Washington. Um dia um primo, chegando da villa, deu a George uma bonita maçã, vermelha e cheirosa. Era a mais linda maçã que George tinha visto e quasi não podia esperar que o pae chegasse para lhe mostrar, pois tão appetitosa lhe parecia.

Quando o pae chegou e viu a bonita maçã, olhou muito serio para George e disse:

"Meu filho, não a vae dividir com sua irmã Mildred?"

George olhou para Mildred e depois para a maçã. Não a queria dividir com ninguem, mas, um olhar triste do pae fez com que fosse vagarosamente buscar uma faca para dividir a maçã com Mildred.

"Agora, meu filho, prometto mostrar-lhe em poucos mezes, mais maçãs do que as possas contar, podendo ter quantas quizeres".

Como o pae sempre cumpria suas promessas, George bateu palmas de alegria.

"Poderei ter quantas desejar, papae?"

"Sim, quantas desejar", disse o pae.

Passaram-se muitas semanas e afinal em uma linda manhã de setembro o pae chamou George e disse:

"Venha, meu filho, quero mostrar-lhe uma cousa de que gosta muito".

George correu alegre e em pouco tempo partiram para um grande pomar. Que belleza de pomar! Ali as macieiras, carregadinhas de fructas vermelhas, vergavam os galhos até ao chão. Por todos os lados havia macieiras e tantas maçãs que George nunca imaginou encontrar.

Então, o pae falou:

"Meu filho, não lhe prometti mostrar tantas maçãs, mais do que pudesse contar? Pense na generosidade de Deus dando-nos tão abundante colheita!"

George, silencioso, mettia o pé na terra fôfa do pomar pensando na maçã que não quizera dividir. Então, erguendo a cabeça, disse:

"Papae, prometto não ser mais mesquinho".

O pae, apertando-lhe a mão, respondeu:

"Certamente que não. Agora colha depressa as maçãs que desejar".

George, correndo de cá para lá, debaixo dos pesados galhos, colheu lindas maçãs vermelhas que foram transportadas para casa em um carrinho de mão.

A mãe terminára a historia.

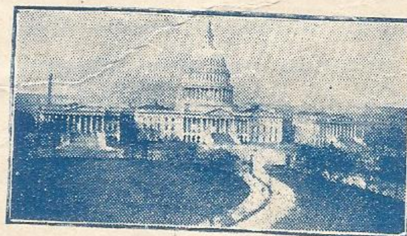
"Conte outra mamãe", disse Maria.

"Faça o favor", Roberto accrescentou.

Agora não, disse a mamãe sorrindo. Vão brincar e correr no jardim até á hora do jantar.



Onde Lincoln nasceu



Onde Lincoln serviu

"Com certeza Deus amava muito as pessoas da classe média, porque as fez tão numerosa". Abraham Lincoln.

"Não dou muito valor ao homem que não é hoje mais sabio do que o foi hontem". Abraham Lincoln.

EDISON


O menino Edison


Edison hoje

Thomas Edison, o mais celebre inventor do mundo, entrou no collegio quando tinha 6 annos de edade. Tres mezes depois foi mandado para casa e o professor disse aos paes que Thomas era estupido de mais para ficar na escola. Edison nunca mais frequentou um collegio, o resto de sua instrucção recebeu de sua mãe.

Quando tinha seis annos acharam-no um dia assentado em cima de seis ovos de ganço, experimentando chocal-os; com sete annos, fazendo um brinquedo, cortou um dedo e aos oito, quasi que morreu afogado.

Aos dez annos, fez a primeira experiencia: imaginou que se uma pessoa tomasse bastante gaz, poderia levantar-se e voar. Então comprou bicarbonato bastante para seis pessoas e fez um seu amiguinho tomal-o de uma só vez, esperando, depois, pelo resultado.

Aos onze annos fez uma collecção de duzentas garrafas de todos os tamanhos e formas, arranjou algumas prateleiras e abriu seu "laboratorio". Que pôs dentro das garrafas, nem elle sabia, mas para que ninguem bulisse nellas escreveu "veneno" em duzentos rotulos e grudou um em cada garrafa.

Mais tarde, empregou-se como vendedor de jornaes num trem e installou um prelo no carro de bagagens. Então começou a imprimir o seu proprio jornal. Este foi o primeiro jornal impresso num trem em movimento.

Não occupando todo o seu tempo com o jornal, resolveu estabelecer um laboratorio noutro lado do mesmo carro, e fazer ahi as suas experiencias. Um dia, infelizmente, caiu no soalho um phosphoro acceso e começou a pegar fogo no carro. Antes que Edison pudesse apagar o fogo, foi descoberto pelo chefe do trem, o qual, zangando-se, atirou o laboratorio, a imprensa e o joven scientista para fóra do trem, depois de lhe haver dado muitos tapas nos ouvidos, o que o deixou surdo até hoje.

Antes desta calamidade, Edison tinha, nas suas viagens, uma espera de algumas horas todos os dias na cidade de Detroit. Resolveu, então, passar esse tempo na Bibliotheca Publica e não sabendo escolher livros proprios para um rapaz decidiu ler todos. Começou com os livros da primeira estante, lendo todos, antes de começar com os da segunda e assim por diante, tencionando ler os milhares de livros que havia naquella grande bibliotheca.

Aos dezesseis annos tornou-se telegraphista, mas ficou tão preoccupado experimentando aperfeiçoar os apparelhos, que se esquecia de expedir ou entregar os telegrammas, perdendo assim o emprego. Arranjou uma linha telegraphica entre sua casa e a de um vizinho, achando muito divertimento em mandar telegrammas e receber respostas do amiguinho.

Empregou-se mais tarde num escriptorio, onde havia muitos ratos e baratas; em pouco tempo inventou um apparelho electrico para matal-os. O patrão, encontrando na casa tantas baratas e ratos mortos, decidiu despedir o joven inventor.

A primeira patente que Edison tirou, foi de um apparelho electrico de sua invenção, para ser usado no congresso. Este apparelho registava os votos immediatamente, poupando assim o tempo gasto em escrevel-os e contal-os.

Quando era ainda rapaz, foi á cidade de Nova York pela primeira vez e com seus bolsos vasios. Não tendo dinheiro, pediu então uma chicara de chá a um negociante. Este chá foi seu primeiro almoço naquella cidade que mais tarde lhe offereceria grandes banquetes e altas honras.

Edison, depois de muito trabalhar, tirou uma patente de uma invenção que a companhia telegraphica quiz comprar. O presidente chamou o inventor e offereceu-lhe 300:000$000 pelo direito de usar sua invenção. Pondo a mão nos ouvidos, Edison disse: "Faça o favor de repetir, não entendi bem".

O presidente repetiu.

"Pois não!", disse Edison, e saiu do escriptorio pensando que o presidente estava caçoando delle.

Uma semana mais tarde, recebeu o cheque de 300:000$000 mas não sabia o que fazer com elle. Guardou-o no bolso e um dia passando pelo banco entrou e apresentou o cheque. O caixa ficou admirado e pensando que o cheque fosse falso mandou chamar o presidente da companhia. Este logo veiu para verificar sua assignatura. Pediu ao caixa que entregasse esta quantia em dinheiro miudo, mandando um guarda para protegel-o até chegar em casa. Edison vendo o dinheiro ficou espantado e exclamou: "Que vou fazer com tanto dinheiro?"

O caixa ficou com pena e explicou-lhe como podia deixar no banco, tirando-o, pouco a pouco, quando precisasse.

Mais tarde inventou o famoso transmissor para os telephones, o qual vendeu para a companhia telephonica "Western Union", acceitando 800:000$, na seguinte condição: que a companhia guardasse essa quantia pagando-lhe só 48:000$ annualmente durante 17 annos.

"Não tenho tempo para pensar em tanto dinheiro", disse Edison.

Uma vez Edison inventou uma machina que uma companhia na Inglaterra quiz comprar, enviando-lhe o seguinte radiogramma: "Offerecemos 30.000 pela sua invenção". Edison concordou. Ao receber o cheque ficou admirado notando 150.000 dollars em vez dos ..... 30.000 que esperava (isto foi porque Edison pensava em dollars, em vez de libras, dinheiro usado na Inglaterra. A libra vale cinco dollars).

Quando Edison inventou o phonographo, os companheiros no laboratorio pensaram que elle se tinha tornado ventriloquo. "Pois bem", disse o inventor, "sairei agora e podem ficar com esta machina. Já estou cansado della". Edison tinha trabalhado dez annos inventando aquella machina que podia falar, e antes de terminal-a, trabalhou cinco dias e cinco noites, sem comer e sem dormir.

Durante muitos annos experimentou aperfeiçoar a luz electrica. Gastou grande fortuna pagando as despesas dos empregados que enviou por todos os paizes do mundo, procurando descobrir uma planta que servisse para fazer fios. Finalmente achou a tal planta no Japão. E então ninguem quiz collocar os fios mysteriosos em suas casas, até que o sr. Morgan, ficando com pena de Edison, resolveu deixal-o experimentar, installando a luz electrica em seu escriptorio. Vendo que a luz mysteriosa não queimava a casa, nem fazia mal aos residentes, mais de duzentas pessoas consentiram que Edison instalasse a luz electrica em suas casas com a seguinte condição: fornecer-lhes gratuitamente electricidade por tres mezes. E' difficil acreditar-se isto hoje, porém, realmente aconteceu ha só quarenta annos.

Quando Edison voltava da "lua de mel", saiu do trem e foi ligeiro em direcção do escriptorio. Um amigo, sorrindo, perguntou-lhe: "Então não se esqueceu de alguma coisa?". Edison parou e poz a mão na cabeça para ver se o chapeu estava ahi e em seguida apalpou os bolsos dizendo: "Creio que não".

"E a sra. Edison?" perguntou o amigo.

O scientista voltou depressa á estação e lá encontrou a esposa esperando-o. Ella ao avistal-o disse sorrindo. "Que

bom marido eu tenho". Elle pediu mil desculpas e prometteu nunca mais fazer isso. Porém, repetiu-se a mesma cousa dentro de uma semana. Ainda que Edison seja um apaixonado scientista é bom marido e pae dedicado. Casou-se duas vezes e tem seis filhos.

Edison já tirou mais patentes que qualquer homem no mundo. Tirou cem patentes em um anno e já fez mais de 1.000 invenções importantes.

Tem gasto fortunas e fortunas fazendo experiencias. Perda de dinheiro nunca o entristece. Elle sempre diz: "Isto é bom para mim, assim não ficarei orgulhoso". Elle aprecia o tempo muito mais que o dinheiro.

Uma vez um amigo perguntou-lhe: "Qual é o melhor modo de evitar a tentação?" Elle respondeu: "Não sei, nunca tive tempo para ser tentado".

Ha vinte e cinco annos Edison foi a um alfaiate e mandou fazer um terno e guardar as medidas. Desde então nunca mais entrou numa alfaiataria e sempre faz sua encommenda pelo telephone e não gasta tempo experimentando a roupa. Se por acaso a roupa fica apertada, elle come menos, e se fica grande, come mais. Durante um quarto de seculo seu peso não variou um kilo.

O seu amigo mais intimo é Henry Ford, o grande fabricante dos automoveis Ford.

Edison não se importa com honras nem titulos. Uma vez, quando a cidade de Nova York lhe conferiu o distinctivo mais alto que podia offerecer a um homem, elle, ao regressar para casa, deixou o distinctivo no bonde. O conductor chamou-o e entregou-lhe a medalha. Edison disse: "Não sentiria falta, já tenho mais que um litro dellas em casa".

Quando a Universidade de Oxford, na Inglaterra, o convidou para ir receber a medalha de honra, elle respondeu: "Qual, gastar tempo assim atravessando o mar só para receber honras? Não, não tenho tempo. Estou muito occupado".

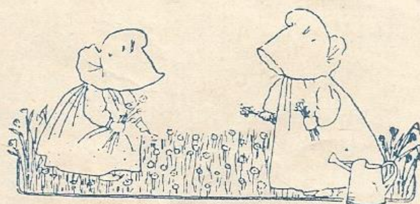
Como todos os maiores scientistas, Edison acredita num grande Poder Divino, que governa o universo. Elle disse: "Muitos homens teem uma idéa pequenina do Creador. Se elles estudassem mais suas obras maravilhosas e contemplassem as leis da natureza e do universo, teriam uma idéa muito mais elevada do "Grande Engenheiro".

O meu boquet

P'ra festejar o anniversario
Da minha mãe que tanto amo,
Em meu canteiro alegre e vario
Colhi, juntei um bello ramo.

Em cada flor que recolhi,
Com emoção ardente, pura,
E muito amor, eu imprimi
Um doce beijo de ternura.

E assim Mamãe, que tanto amo,
Ao peito seu juntou, contente,
O meu pequeno e lindo ramo,
Feito de beijos tão sómente.



(Da Lyra das Crianças).

NOSSOS AMIGUINHOS

Como Yun Su e Suni foram á Escola

Uma tarde, ao declinar do sol, Yun Su, sentado á porta da choupana, observava Pong Nay e Su Bucky que empinavam lindos papagaios. "Si eu pudesse correr!" suspirava Yun Sun, olhando para a perna aleijada. Elle fazia artisticos papagaios, mas o prazer de empiná-los não lhe era dado, pois nascera aleijado e mal podia andar com umas muletas incommodas, feitas pelo pae.

Como sou infeliz! pensava elle. Com esta perna nunca poderei jogar bolas, brincar de esconde-esconde, jogar o jogo dos quatro cantinhos e outros brinquedos de que os meninos koreanos gostam. Si Suni, minha irmã, fosse a aleijada, não fazia differença, porque as meninas nunca brincam.

Entretanto, Suni, preparando a verdura para o jantar, murmurava: "E' sempre verduras, ou se não, é costurar, lavar, passar e limpar o chão. Oh! como seria bom se eu fosse um menino, elles não trabalham".

Casa das bonecas, era o nome que se podia dar á choupana de Yun Su e Suni. Não passava de um compartimento de 2m. por 3m., feito de barro e coberto de sapé, com uma janellinha nos fundos e uma porta na frente.

O chão era de terra batida, muito duro e sempre limpo, porque cada um, ao entrar, deixava os sapatos do lado de fóra. Não havia mobilia, nem mesmo camas. Quando a noite chegava, esteiras e cobertores eram tirados das prateleiras onde enrclados estiveram todo o dia.

Então, Yun Su, Suni, paes e avó enrolavam-se, cada um em sua esteira e cobertor, deitavam-se no chão onde dormiam empacotados, nesse pequeno quarto. Havia um outro compartimento, ao lado deste, que era a cozinha.

Depois de preparar as verduras, Suni foi para a cozinha e olhou o arroz que estava sendo cozido em um caldeirão de ferro, suspenso em cima do fogo, emquanto a mãe fritava os peixes.

"Depressa Suni, traga as mesas!"

Então, Suni tirou de um canto seis mesas pequenas e foi chamar o pae para jantar, vindo com elle Yun Su e a avó. Elles sentaram-se no chão, cada um tendo uma mesa em frente de si, foram servidos por Suni e sua mãe. O jantar foi trazido em tijelas de cobre que foram collocadas em cima de cada mesa, —uma com arroz, uma com peixe e outra com verduras.

"Yun Su commentou: "Pong Nay, que frequenta a escola dos missionarios, disse que elles cozinham as verduras".

"Elles fazem cousas muito exquisitas", meu filho.

"Pong Nay, me disse que agora que são christãos comem todos ao mesmo tempo—pae, mãe, filho e filha."

"Isto e um absurdo!" resmungou o pae. Depois de alguns minutos accrescentou—"Mas apezar de tudo isso, penso que poderias frequentar a escola dos estrangeiros. O pae de Pong Nay pensa que o medico da missão curaria a tua perna".

"E eu poderia correr!" exclamou Yun Su alegremente.

"Mande-me tambem", disse Suni. Pong Nay contou-me que nessa escola as meninas brincam com os meninos, como se fossem meninos.

"Que? mandar-te á escola?" gritou o pae de Suni. "Isso não... preparar verduras, lavar, passar são cousas boas para meninas".

Depois do jantar Suni lavou as tijelas, guardou as mesas, limpou o chão e foi coser. Ella estava fazendo um casacão branco para o pae, a vovó descosendo outro para ser lavado e passado. Cada vez que se lavava um destes casacões era preciso descosel-os para o coser de novo depois de passado.

A' tarde toda Suni pensou na escola dos estrangeiros, onde as meninas brincavam e Yun Su nos meninos que aprendiam a ler e a escrever, em vez de vadiarem o dia todo.

Yun Su e o pae, sentados na soleira da porta, fiscalizavam dois homens que arranjavam os cargueiros de lenha, para o mercado.

De repente, surgiu no caminho, em direcção á choupana, um burro com caixas, pacotes e tres homens vestidos á koreana.

O pae de Yun Su, depois de cumprimental-os, começou a conversar com elles. Suni, ouvindo as vozes, chamou a mãe e saindo para fóra, se esconderam ao lado da choupana para escutarem a conversa. Não era polido ficarem na soleira da porta; só a avó, que já era velha, podia fazer isso.

Estes homens eram os ministros estrangeiros, os professores da escola e queriam levar Yun Su e Suni, para os ensinar. Suni ao ouvir isto tapou a bocca com a mão para não gritar de alegria.

Yun Su, todo tremulo, chegou-se perto e mais perto para não perder nem uma só palavra do que diziam. Os homens falaram e falaram, o pae attenciosamente os escutou, porém nada prometteu. Estes despediram-se affirmando que voltariam na manhã seguinte.

Aquella noite Suni e a mãe passaram roupa, o que acontecia frequentemente quando não terminavam o trabalho durante o dia. Ellas apertaram perfeitamente o casacão do pae em um cylindro de madeira, bateram-no com as baquetas até que as rugas desappareceram. A noite toda ellas trabalharam e os outros dormiram acalentados pelo constante rat-a-tat-tat, rat-a-tat-tat, rat-a-tat-tat.

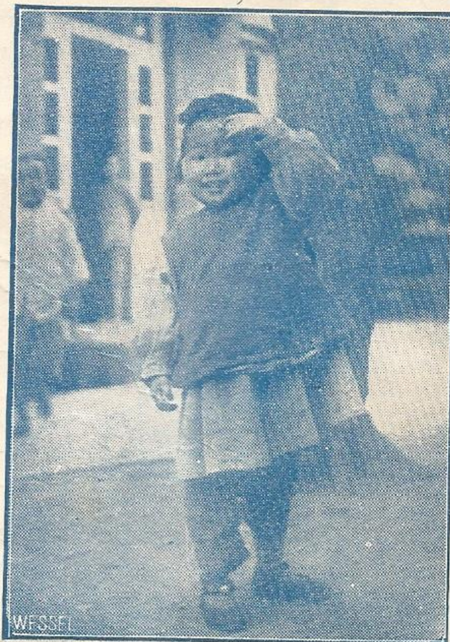
Os braços e os hombros de Suni doiam e doiam, augmentando-lhe cada vez mais o desejo de ser um menino, para dormir socegadamente e frequentar a escola dos estrangeiros.

Logo de manhã, os missionarios de regresso á villa pararam em frente a casa de Yun Su, desejando saber a decisão do pae.

"Não precisam falar mais, levem Yun Su e se tivesse outro menino tambem poderia ir".

Com a pressa de aprompta Yun Su que seguia em poucos minutos, não deram pela falta de Suni. Esta saira para o quintal onde corria de um lado para outro, com os braços erguidos, gritando: "Como poderei ser um menino? Papae disse que se tivesse outro menino deixaria ir. Oh! tenho que ser um menino".

De repente ella viu o irmãozinho de Pong Nay, que, de cima do muro, a olhava muito assustado. "Depressa, depressa, dá-me a roupa por cima do muro. Ligeiro", gritava ella.



Um pequeno koreano

O pequeno todo espantado, sem saber o que fazia, se despiu ligeiro e atirou a roupa por cima do muro. Em um minuto Suni vestiu-a e apresentou-se diante do pae, dizendo: "Aqui está o outro menino. Posso ir com Yun Su?"

"Que é isso?" exclamou o pae, olhando para o seu trajar. "Enlouqueceste?"

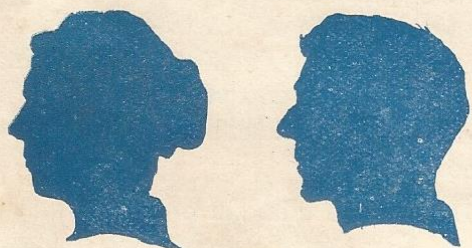
"Não, papae, o senhor disse que se tivesse outro filho mandaria á escola dos missionarios".

E com as faces banhadas em lagrimas, esfregando as mãos com frenesi, ella gritava: "Deixe-me ir, papae".

Emquanto o pae, todo desorientado, procurava uma solução, Suni correu veloz para os missionarios que já iam longe na estrada, levando Yun Su.

O pae, apatetado, nem se moveu, mas depois, como que despertando, correu ligeiro atraz da filha que desapparecia na curva do caminho. Vendo que não a alcançaria, voltou sentando-se na soleira da porta como era costume e disse em voz alta: "Quem sabe, tantos milagres estão acontecendo hoje, talvez seja possivel ensinar até uma menina".

BRINQUEDOS E JÓGOS



AS SILHUETAS

Quando a photographia ainda não era conhecida, nossos antepassados faziam as silhuetas dos seus amigos. Hoje, os geitosos leitores tambem podem obter silhuetas dos queridos. E' facil e um tanto interessante, para tornar bem divertida uma tarde chuvosa.



Todos os membros da familia, e os amigos, podem tomar parte e apreciar esta hora de divertimento.

As poucas cousas requeridas são: uma folha de papel, com um lado preto e outro branco, um lapis e uma boa luz.

A pessoa de quem se deseja fazer a silhueta, deve sentar-se entre a luz e o papel, que deve estar collocado na parede. O artista então, com seu lapis, riscará a sombra reflectida no papel. Tirando o papel da parede, cortem a silhueta e depois de viral-a do outro lado, grudem-na em um cartão branco. E' interessante mostrar cada silhueta aos outros, para adivinharem de quem é.

TRATOS A' BOLA

RESPOSTAS DO NUMERO II

1—Porque está fóra da cabeça.
2—Luvas.
3—E' 21 annos mais velho.
4—E' o centro da luz.
5—Silencio.
6—Aquella fala sem reflectir; este reflecte sem falar.
7—Este é sempre polido, aquelle nem sempre o é.
8—Fascinação.
9—Marido.
10—Gastam muito pó.

11—Porque não pode olhar para os dois ao mesmo tempo.
12—Um é difficil para se subir; a outra é difficil para descer.
13—Alphabeto.
14—No diccionario.
15—Esponja.

NUMERO III

1—Quando é um dono dum theatro como um astronomo?

2—Arranjem tres palitos de modo a formarem quatro em vez de tres.

3—Um homem tinha tres filhos e desejava dividir entre elles, 17 cavallos, dando ao primeiro filho, metade dos cavallos; ao segundo filho, um terço dos cavallos; e ao terceiro filho a nona parte dos cavallos. Como conseguiu isto?

4—Porque é que na America do Sul se pode ter festas todos os dias do anno?

UM COPO IMPROVISADO

Toma-se um pedaço de papel de um palmo quadrado de superficie. Fazem-se nelle as seguintes dobras: primeiro, sobre uma das diagonaes; em seguida, a ponta inferior, á direita, é dobrada de modo que toque o ponto ao meio do lado opposto; volta-se então o papel, e faz-se o mesmo com a outra ponta, que estará agora á direita. Ficam, ainda, no vertice superior, duas orelhas de papel que dobrarás uma para um lado, outra para outro, enfiando-as nas bolsas que se formaram com as dobras anteriores, e... eis prompto o copo. Empregando papel de maiores dimensões, do mesmo modo farás um balde ou uma cesta que poderão ser uteis em alguma emergencia.

CONCURSO

Convidamos os jovens leitores a tomarem parte no seguinte concurso: formar palavras usando só lettras que se encontram no nome do nosso bem conhecido romancista, COELHO NETTO. Não podem formar nomes proprios, as palavras devem ser numeradas e escriptas de um só lado do papel.

Para orientação dos leitores citaremos aqui alguns exemplos:

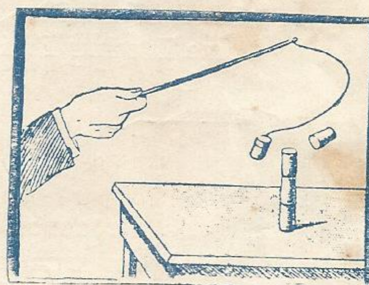
1—contente
2—coelho
3—cento
4—tonto
5—oco
6—neto

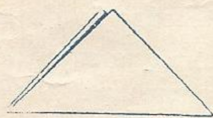
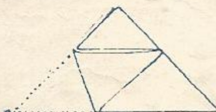
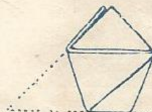
Offerecemos como premio, um livrinho contendo uma bonita historia, ao amiguinho que nos enviar a lista mais comprida.

O JOGO DAS ROLHAS

As cousas que este jogo requer são: uma mesa, seis rolhas e um pau de 45 cms. Nesse pau deve estar amarrado na parte superior, um barbante tambem de 45 cms., com uma rolha atada na extremidade.

A partida é de cem pontos e diversas pessoas podem tomar parte. Colloquem as rolhas na mesa, uma em cima da outra, e cada jogador por sua vez procure derrubal-as, como se vê no cliché.




Cada vez que uma só rolha cair, o jogador terá cinco pontos; porém, se derrubar mais do que uma, cederá a opportunidade para outro e assim por deante, até que todos tenham jogado; recomeçando outra vez, continuarão até que um jogador, contando cem pontos, ganhe a partida.

PEDRAS PRECIOSAS

MEZ DE MARÇO

AGUA MARINHA

A agua-marinha é, geralmente, a pedra dos nascidos em março. Se achar um pedaço de vidro verde na praia, póde ser que seja simplesmente um caco de garrafa, ou então uma pedra verdadeira, chamada agua-marinha. E' assim chamada porque sua côr é semelhante á côr da agua do mar.

A agua-marinha encontra-se em muitos paizes: India, Russia, Siberia, Ceylão e America do Sul, porém as melhores veem de Minas Geraes. Talvez a maior e mais preciosa agua-marinha que tem sido encontrada no mundo, seja a que foi descoberta em 1901 por um mineiro, no Brasil. Esta pedra, cuja côr é verde azulado, é tão transparente como se fosse vidraço, porém é uma grande pedra preciosa de 48 cm. de comprimento, pesando 11 kilos.

A agua-marinha significa—coragem.

Cartas dos jovens leitores

Piracicaba, 7 de Janeiro de 1923.

Sr. Redactor,

Saudações.

Tão contente fiquei com a revista Sem Nome, que resolvi tomar parte no concurso propondo ao pintainho o nome de: "Bem Vinda", por achar que foi bem vinda ás minhas mãos.

Jesse Escobar Faria.

Illmo. Sr.

Sou um menino de dez annos e li o jornal que foi publicado sem nome. Gostei muito das historias que contém.

Logo que li o jornal comecei a procurar um nome para elle e lembrei-me do nosso passarinho "Bem-te-vi". Acho que este nome irá bem para o nosso jornalzinho. Esse nome é alegre e acho que será acceito por todos. Que os senhores acham? Espero que seja eu quem vae ganhar o premio.

O leitor,

Antonio de Souza Barros Junior.

Illmo. Sr. Editor da Revista Infantil e da Juventude.

Proponho que a nova revista receba o nome de: "Bem-te-vi".

Elza Oppennaun.

Campinas.

Rio, 15 de Janeiro de 1923.

Illmo. Sr. Director da Imprensa Methodista,

Saudações fraternaes.

Recebi hoje o primeiro numero da Revista Mensal (Sem Nome), e vi que havia um concurso para lhe dar um nome, facil de pronunciar. Acho que "Bem-te-vi" seria o mais apropriado.

Nair Rodrigues.

A' Redacção da Revista Sem Nome.

Acho que a phrase "Para o ceu" é um nome apropriado para a vossa revista; pois quem a ler com attenção,